



INDÚSTRIA ALIMENTÍCIA GOIANA: HIBRIDISMO TECNOLÓGICO*

Edna Maria de Moura

Parte das transformações que o mundo do trabalho vem sofrendo pode ser atribuída a um novo conceito chamado globalização. Essa palavra tem sido amplamente empregada nos últimos anos, principalmente para explicar as mudanças que estão ocorrendo nas sociedades e nas economias de todos os países.

A globalização da economia capitalista, a partir dos anos 70, reduziu a eficácia da política keynesiana-fordista, cujo funcionamento se limitava apenas à escala nacional. Também a acirrada concorrência, intensificada pela crise econômica, exige das empresas que disputam espaço no mercado mundial novas formas de organização da produção de acordo com as oscilações do mercado.

Verifica-se então a transição do fordismo para a “produção flexível”, uma nova forma de organização do trabalho, que é difundida mundialmente por meio da experiência japonesa – o toyotismo.

Todas essas transformações exigem mudanças profundas na organização do trabalho, com conseqüências para as empresas e trabalhadores.

No Brasil, as práticas japonesas de gestão do trabalho têm sido difundidas de forma gradual e com heterogeneidade setorial e regional.

Nesse contexto, as indústrias de alimentação do Estado de Goiás sofrem alterações no processo produtivo e organizacional, de acordo com a realidade socioeconômica e cultural da região.

Dentro de uma análise mais ampla, discutem-se as conseqüências das mudanças de modelo no que se refere ao desemprego e à exclusão social, enfocando as reflexões sobre o “fim do trabalho”.

* Dissertação de Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Amparo A. Aguiar.

